



...resolvido o problema da alimentação básica.

Manoel Dantas Vilar Filho



Manoel Dantas Vilar Filho — Eu gostaria de voltar ao tema da seca. Quando esporádica, ela não destrói a economia, que é profundamente afetada nos ciclos secos. Estes somente ocorrem em um prazo médio de 26 anos. Nós, que vivemos hoje este ciclo, somente teremos outro quando as crianças que estão nascendo tiverem 26 anos. Esta é uma conclusão do Centro Técnico Aeroespacial — CTA. Para cada ciclo, tem aparecido uma série de idéias e projetos logo abandonados, quando volta a chover normalmente. E aí tivemos desde o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca — Dnocs —, até a Sudene. Está faltando o projeto do sequi-ro, em que não nos prendamos à solução hidráulica para uma solução vegetal, isto é, o cultivo de plantas capazes de resistir a um período prolongado de seca. Mas acho que devemos buscar na pecuária, associada a este tipo de cultura, uma das soluções para o Nordeste. Não vejo na irrigação uma solução, pois ela resolve o "problema da sobremesa", frutas e iguarias, e não o da alimentação básica. Nenhuma área seca do mundo se livrou da miséria sem ter sido essencialmente pela pecuária associada a lavouras perenes, não milho nem arroz, que são altamente exigentes de água.

Roberto Magalhães — Eu acho que os hábitos podem ser mudados. Hoje já estamos produzindo mais sorgo, que vem substituindo o milho.

Evaristo Eduardo de Miranda — Eu gostaria de lembrar, inicialmente, que 55% das terras cultiváveis do mundo estão nas regiões semi-áridas, abrangendo 150 países, com 630 milhões de habitantes. Na América Latina, o árido e o semi-árido cobrem 21% de todo o território. No Brasil, devemos perguntar se, no semi-árido, desenvolvemos uma agricultura, ou agricultores para explorá-lo economicamente. No Brasil temos 70% da população nas cidades, 30% nas zonas rurais, metade desta no Nordeste. Nosso projeto de pesquisa global, no Programa de Avaliação de Recursos Naturais e Sócio-Econômicos do Trópico Semi-Arido, da Embrapa, é desenvolver o agricultor, pois é extremamente baixa a absorção de tecnologias agrícolas modernas. No Brasil, todo o esforço de geração e absorção de tecnologia agrícola se deu no Sul. Só agora começamos no Nordeste. Em nosso centro, estamos fazendo pesquisas, repensando nosso semi-árido. Estamos começando. Não temos muitas respostas. Sabemos, por exemplo, que mesmo nos piores anos de seca a chuva que cai no Nordeste é amplamente suficiente para atender

...o pequeno produtor rural. JT e Estado — A Sudene teve tudo, no início, para atrair capitais, beneficiar a agricultura, mas, criminosamente, concentrou toda a sua atenção no setor urbano, iludida com a criação de um parque industrial moderno, não-gerador de empregos. Abandonou a agroindústria. E até o algodão!

Manoel Corrêa de Andrade — Foi mais fácil canalizar dinheiro para a indústria, que não feria interesses preestabelecidos, do que entrar na agricultura...

JT e Estado — Mas por que a Sudene não tornou pública a sua impossibilidade de transformar a área rural? Por que disfarçou, iludiu a opinião pública, procurando mostrar que, com a industrialização, estava resolvendo o problema? Ela nos convidava, todas as semanas, para assistirmos a festas de inauguração de novas indústrias que devem estar fechadas hoje, ou fechando...

"A pobreza da região, como um todo, assusta."



Evaristo Eduardo de Miranda

Evaristo Eduardo Miranda — O nível global, devido principalmente às cidades, melhorou, mas a pobreza da região, como um todo, assusta.

Manoel Correa de Andrade — Na Zona da Mata a situação piorou. Há mais pobreza.

Roberto Magalhães — Mas tanto assim? Pode ter piorado de 1950 para 1980, mas não desde 1930, por exemplo. Hoje, há salário mínimo para os trabalhadores, a um nível superior ao de São Paulo.

Manoel Correa de Andrade — Isso em Pernambuco. Saia do Estado... De qualquer forma, o custo de vida absorve o salário e a pobreza é maior. Há problema de alimentação, ausência de lavoura de subsistência, com a expansão da área plantada com cana. Ele ganha um salário que não dá para comprar alimentos e não tem onde plantar. Evaristo Eduardo de Miranda — A participação da renda do Nordeste, no contexto nacional, vem caindo, caindo, caindo... Os efeitos da seca, hoje, são mais danosos do que há 20 anos. Os celeiros do agricultor estão vazios. Não têm nem rapadura...

### A Saúde no Nordeste

Malaquias Batista Filho — O problema da Saúde e da nutrição resulta das estruturas em que decorrem as relações sociais. A situação hoje é melhor do que a predominante no início do século: não mais se morre maciçamente de fome, nos períodos de grande seca, graças às estruturas administrativas e sociais existentes. Mas se a fome epidêmica não é tão crucial quanto a de 1877, a fome endêmica invadiu e se alastra pelo semi-árido, mesmo nos ciclos mais favo-

...ras porque grande parte dessas crianças talvez tenha morrido. Registramos que 33% das crianças com lesões oculares morriam 48 horas após terem sido internadas no hospital. Talvez o quadro de cegueira não tenha sido tão grave porque ele foi atalhado pela morte prematura.

### As grandes conclusões

JT e Estado — Nós gostaríamos de fazer um resumo dos debates e chegar a algumas conclusões do que ouvimos. Pediríamos a todos que fizessem as observações e correções necessárias. A primeira conclusão é de que a seca não é só falta de água e o problema do Nordeste não é apenas a seca. Os níveis de condição de vida nestes últimos 20 anos, principalmente nas zonas rurais, pioraram muito. E preciso um novo planejamento em termos de Nordeste, tomando em consideração, acima de tudo, alguns fatores básicos: há uma pobreza de gente preparada (os alfabetizados migraram), há pobreza de cobertura vegetal, de clima, de solos férteis, de minérios (com exceção do petróleo e do urânio, controlados pela União). Existe apenas potencial energético no São Francisco. E com base na consciência, reconhecendo essa situação de carência, que se deve traçar um planejamento global para o desenvolvimento do Nordeste. Acho, também, pelo que se conversou antes da reunião, que todos estão contrário à prioridade que se pretende dar à interligação das bacias do São Francisco e dos rios amazônicos.

"A fome endêmica invadiu o semi-árido e se alastra."



Malaquias Batista Filho

Roberto Magalhães — Eu acho que essas bacias podem até ser unificadas. O que eu não entendo é que se cogite disso sem primeiro se aproveitar as que já existem. Quem sobrevoar o sertão vai ver que o que mais existe são açudes, sem um pé de couve sequer na borda. O rio São Francisco ainda tem o aluvião. No Parnaíba, nem o aluvião. Então, que se apliquem esses dólares agora para irrigar o que aí está e depois se pense no transvase das bacias. O problema do Nordeste há de ser resolvido no contexto nacional, com políticas nacionais. Há uma dimensão cultural na questão da seca, que tem que ser resolvida a partir do homem. Não é a terra que vai resolvê-lo. E preciso desenvolver primeiro o agricultor depois a terra. Os planos diretores têm, às vezes, o efeito perverso de alocar recursos insuficientes e deixam a parte do leão para as regiões desenvolvidas. Se dependesse da infra-estrutura, o Nordeste seria desenvolvido, pois conta com estradas, telefonia, televisão. Só que, tudo isso, sem o homem não adianta nada.